

«SE NÃO TIVERMOS A CORAGEM DE SER FIRMES NA EXECUÇÃO DAS LEIS, TEREMOS A VISITA DA ANARQUIA OU DA VIOLENCIA».

MOTA PINTO

A VOZ DE LOULÉ

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

(Preço avulso: 5\$00)

N.º 700

ANO XXVI

9/XI/78

Composição e Impressão
«GRÁFICA EDITORA»
Av. João Ferreira da Maia, 20
Telef. 92091 RIO MAIOR

DIRECTOR E PROPRIETARIO

José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração
GRÁFICA LOULETANA
Rua Marechal Gomes da Costa
Telef. 6 25 36 LOULÉ

Quando o problema da habitação é também um problema político

Crónica de Luís Monteiro Pereira

As grandes carências habitacionais dos portugueses, derivam em boa parte da incompetência demonstrada pela administração pública, incapaz de orientar eficazmente o desenvolvimento urbano e a construção habitacional, embora saibamos que o aumento da população, a crise na construção civil, a inflação, o desemprego, a falta de investimento, são um conjunto de factores interligados que contribuído para a deterioração económica prejudicaram naturalmente o desenvolvimento da construção.

Contudo, a preocupação da maioria da população é agora a chamada Lei do Ordenamento Territorial dos Solos, que define os espaços verdes a respeitar ou seja a proibição da construção em zonas fortemente agrícolas. Por exemplo, o emigrante que quer voltar à sua terra natal e restabelecer-se numa zona que lhe permita desenvolver a sua capacidade criadora, isto é, construir uma casa num local em que possa fazer a sua horta, encontra-se assim impedido do seu

próprio restabelecimento pois há um espaço verde a respeitar caso o solo reúna a fertilidade necessária à expansão da agricultura. Esta lei faz a distinção entre terrenos próprios para construção e terrenos para outros fins. A actividade prática da agricultura desenvolve-se com maior espontaneidade em lugar habitado, onde o agricultor dispõe do mínimo de condições necessárias à sua sobrevivência, o que prova que esta lei é, sobretudo burocrática.

Isto porque não existindo uma descentralização adequada, (as aldeias continuam carecidas de água, luz, esgotos e vias de comunicação, etc.) obriga a população a fugir para os centros urbanos ou a sedentarizar-se em zonas de pleno desenvolvimento agrícola e comercial. Logo é absolutamente normal que as pessoas procurem o mínimo de bem-estar, construindo em lugares de certo modo lucrativos que

(continua na pág. 5)

A economia que temos

Talvez mais do que nunca, nos últimos 3 anos, o problema da economia tem sido o grande cavalo de batalha dos nossos políticos (e não só).

Curiosamente, porém, parece que quanto mais se fala de economia mais ela se vai degradando. Senão vejamos o caso da agricultura, na qual assenta toda a economia de um país: Hoje em

dia, os agricultores já quase não semeiam o milho que tanta falta faz ao País, para economizar o dinheiro da semente que custa 44\$00 o kilo e que depois lhe compram por quase 7\$00 também por kilo.

Já quase não semeiam trigo para economizar o dinheiro da semente que na próxima campanha vai custar 15\$00 e que acabaram ou terão de vender até lá por 7\$50 também por kilo.

Já semeiam menos batata para economizar o dinheiro da semente que ultrapassa os 30\$00 o kilo e que mais tarde terão de vender por cerca de 3\$00 também por kilo.

Já semeiam menos melão para economizar trabalho, porque as plantas que escapam às intempéries não escapam às tabelas.

Já semeiam menos arroz para economizar trabalho aos técnicos que se esforçam para fazer sobrar no final das contas quatro a cinco escudos para pagar ao produtor.

Já plantam menos tomate para economizar trabalho às fábricas (continua na pág. 7)

«Ministérios não compreendem que é necessário investir para colher mais e melhor»

AFIRMOU CABRITA NETO AO «JORNAL NOVO»

O Verão passou, mas o Algarve continua na ordem do dia, merecendo constantes referências na imprensa diária e regional.

E falar do Algarve é falar de turismo e de todos os problemas a ele ligados e tantos e tão graves são.

Alguns são bastante velhos e cuja solução parece eternizar-se. Outros são novos mas... sem solução à vista.

Outros são de tal forma graves que têm merecido severas e justíssimas críticas do principal responsável pelo turismo algarvio: Cabrita Neto.

Sempre que se oferecem oportunidades, é vê-lo a revelar os seus vastos conhecimentos acerca dos problemas relacionados com o turismo, deixando sempre



transparecer a «garra» característica que o leva a viver apaixonada e intensamente todo um emaranhado de problemas que tanto o preocupam como algarvio.

Em recente e longa entrevista concedida ao «Jornal Novo», o dinâmico Presidente da Comissão (continua na pág. 7)

Loulé tributa festa de homenagem e reconhecimento a Pedro de Freitas

Para dar cumprimento à deliberação unânime, tomada na sua sessão de 29 de Setembro, respeitante à inclusão do nome de Pedro de Freitas na toponímia desta Vila, vai a Câmara Municipal de Loulé, no próximo dia 2 de Dezembro, descer uma placa — «Rua Pedro de Freitas (Antigo Largo do Carmo)» — cerimónia esta que será seguida de uma sessão solene nos Paços do Concelho.

Como na nossa edição de 12 de Outubro divulgámos, a decisão camarária culminou uma proposta apresentada pelo presidente do executivo, sr. Andrade de Sousa, que deste modo pretende simbolizar, publicamente, a gratidão e o apreço amistosos da terra-natal, pela qual Pedro de Freitas, intransigentemente, ao longo da sua já extensa vida se devotou filialmente e enalteceu nos seus escritos de publicista e de escritor.

Independentemente da deliberação camarária, um grupo de amigos resolveu oferecer a Pedro de Freitas um jantar de confraternização e homenagem, a realizar no mesmo dia no Hotel Quarteirasol, no prosseguimento das solenidades oficiais. O repasto congrega-

(continua na pág. 2)

Absolvendo o senhor Soares

Muito se tem dito e escrito acerca do Senhor Soares e seus amigos. Creio até que já ultrapassa o razoável. E porque não, até um pouco injustamente. Senão vejamos:

Quem foi que colocou o Senhor Soares no lugar que ele sempre cobrou? O Povo Português.

Quem foi que revestiu o Senhor Soares de uma auréola de herói nacional, sem que nada tenha feito para tal? O Povo Português.

Quem foi que acreditou no Senhor Soares, crendo ser ele a pessoa que iria salvar Portugal? O Povo Português.

Quem foi que acreditou que todos os desertores com quem o Senhor Soares se rodeou eram os elementos úteis para governar? O Povo Português.

Porém, esse mesmo Povo, parece já não acreditar em tudo o

(continua na pág. 2)

Jornalistas venezuelanos no Algarve

(VER PAGINA 3)

Posto em causa o turismo do Algarve pelo deputado José Vitorino

Recentemente, no hemiciclo nacional, o deputado social-democrata pelo círculo de Faro, José Vitorino, colocou em questão aspectos negativos prejudiciais ao turismo algarvio, que, desapaioado e entregue à sua sorte, compromete o adequado dimensionamento e exploração das potencialidades da região.

Na sua prolongada intervenção, o parlamentar citado, depois de aludir às graves omissões governativas e de salientar os predados concretos existentes, entregou-se ao balanço detalhado de carências molestamente evidentes, mencionando as localidades onde são mais notadas e também mais contundentes e lesivas.

Numa lacónica resenha, aqui sintetizamos os aspectos locais mais notórios.

Assim, no tocante a Vila Real (continua na pág. 2)

PEDRO DE FREITAS merecidamente homenageado em Loulé

(VER PAGINA 4)

MENSAGEM EM PORTUGUÊS DO PAPA JOÃO PAULO II

(VER PAGINA 5)

Loulé tributa festa de homenagem e reconhecimento a Pedro de Freitas

(continuação da pág. 1)
rá, ao que tudo indica, numerosas adesões.

O programa elaborado das celebrações que integra a «parte oficial» e «não-oficial» é o seguinte:

PARTE OFICIAL

— As 10.00 horas — Descerramento da placa toponímica «Rua Pedro de Freitas (Antigo Largo do Carmo)», situada nesta Vila de Loulé, contígua ao Mercado Municipal;

— As 11.00 horas — Sessão solene de homenagem ao escritor loulitano PEDRO DE FREITAS, no Salão Nobre dos Paços do Concelho de Loulé.

PARTE NÃO-OFICIAL

— As 16.00 horas — Transmissão de música gravada (concerto das melhores bandas civis do País), no Salão Nobre das Paços do Concelho de Loulé, que terá o seguinte desenvolvimento:

Discurso pelo Dr. Mário Lyster Franco no Largo da Sé, em Faro, no grande Festival de Bandas de Música Cívica; e a execução de dez bandas, em conjunto, no total de 319 filarmónicas, da Marcha «Algarve Florido», da autoria de Pedro de Freitas e por ele dirigidas.

Discurso pelo capitão e Maestro da Banda de Música da Guarda Nacional Republicana, Silva Dionísio, no Porto, no Pavilhão do Palácio de Cristal, alusivo às vicissitudes das filarmónicas e provas de concurso em que elas estão actuando, e a Marcha «O Concurso», de Pedro de Freitas, pela Banda da Polícia, de Lisboa.

Sátira, declamação e canto de quatro óperas — «Palhaços», «Carmen», «Tosca» e «Rigoletto» — por David de Freitas, no Casino de Quarteira; e um Corridinho Algarvio executados por hábil tocador de acordeão.

Em gravação feita no Teatro de S. Carlos, em Lisboa, a Banda de Música da Polícia executa: «A Minha Primeira Marcha» (1911/78), de Pedro de Freitas e «Os Clarins — Bailado», fantasia descritiva, em duas partes, por Pedro de Freitas.

INTERVALO

Filarmónica União Marçal Pacheco, de Loulé, com 24 executantes, no Teatro Garcia de Resende, Évora, executa: Marcha «Viva Loulé», de Pedro de Freitas e «Una Noche en Calatayud», de P. Luna.

Sociedade Instrução Musical da Quinta do Anjo, de Palmela, com 40 executantes, no Teatro Garcia de Resende, Évora, executa: Marcha «No Jardim», de Ch'cória, «Paisagem Ribatejana», fantasia popular, de Duarte Pestana e «Li-

geira Ouverture», de Ferreira da Silva.

Banda de Música de Trofa, de Santo Tirso, com 42 executantes, no Pavilhão do Palácio Cristal, Porto, executa: Marcha «Loulé em Festa», de Pedro de Freitas e «Capricho Italiano», de Tchaikowsky.

Sociedade Filarmónica Farense, Banda de Revelhe, Fafe, com 48 executantes, no Pavilhão do Palácio Cristal, Porto, executa: Marcha «O Peirão», de Boaventura Alves Moreira e «Sinfonia da ópera Zampa», de L. F. Herold.

Finda a transmissão será oferecido aos convidados presentes um ligeiro aperitivo.

— As 19.30 horas — Jantar, no Hotel Quarteirasol (em Quarteira), de confraternização e homenagem a PEDRO DE FREITAS, promovido por um grupo de amigos, que culminará de forma exultante o ciclo de cerimónias.

Nota — As inscrições para o jantar estão abertas até ao dia 25 de Novembro nos Postos de Turismo da Vila Real de Santo António, Faro, Loulé, Quarteira e Portimão, implicando as mesmas ao pagamento antecipado de 350\$00 por pessoa.

Qualquer necessária informação pode ser obtida pelo telefone 62177 — Ilídio Floro (Loulé).

Posto em causa o turismo do Algarve

pelo deputado José Vitorino

(continuação da pág. 1)
de Santo António, foi focado o estrangulamento que se dá na passagem do Guadiana para a Espanha, por falta de uma ponte adiada de ano para ano e, ainda, a carência de um hospital condigno e devidamente apetrechado.

Sobre Monte Gordo, a tónica incidirá na higiene, ou a falta desta nas praias e matas por motivo do chamado campismo selvagem que conspurca o ambiente.

Acerca do Concelho de Tavira foi destacada a situação da ilha, dependente de urbanização e condizente aproveitamento; a exploração turística do canal e a salvaguarda, num plano de desenvolvimento global, das vias conducentes ao porto e à barra. O Hospital não dispõe de material humano nem de equipamento suficientes.

Respeitante a Olhão, os maus cheiros das fábricas de farinha e óleo de peixe, também mereceram reparos, alvitando o deputado o apoio estatal no sentido de resolver técnica e financeiramente o problema.

Igualmente salientou a falta de uma estação de tratamento de esgotos, e as limitações do hospital.

Quanto a Faro enunciou a falta de uma estrada de circunvalação; a inexistência de uma estação de tratamento de esgotos; a escassez de zonas verdes e de parques de estacionamento; as anomalias do porto de Faro; as graves limitações e condicionamentos das instalações do Hospital e dos respectivos quadros e efectivos médicos. De idêntica forma designou problemas ligados à praia de Faro, e ao aeroporto internacional.

Na escalpelização de Albufeira, tomaram lugar os acessos e a insuficiência de estradas marginais às praias; os esgotos, os cortes da electricidade, o hospital e outros assuntos mais, como designadamente a anemia de recursos da respectiva Câmara Municipal.

No que concerne ao Concelho de Portimão tomaram lugar a estreiteza da ponte, os esgotos que correm para o mar e as deficiên-

cias do hospital. Sempre omnipresentes os problemas da saúde.

Outros problemas mais foram também objecto de semelhante inventário, tais os casos de Lagos, Quarteira, Armação de Pera, Lagoa e Vila do Bispo.

Além destas, outras mazelas mais foram também apontadas: a necessidade de transportes urgentes de helicóptero ou avião, e a falta de um bom eixo viário.

A esta longa lista de carências o deputado José Vitorino propõe-se, na sequência da sua intervenção, apresentar sugestões conducentes à resolução de tão graves problemas, aqui expostos em resumo aligeirado.

A Voz de Loulé, N.º 700 de 9-11-78

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE LOULÉ

ANÚNCIO

(1.ª publicação)

No dia 4 do próximo mês de Dezembro, pelas 10 horas e 30 minutos, no Tribunal Judicial desta comarca de Loulé, nos autos de acção especial de divisão de coisa comum n.º 69/77 que correm termos pela 1.ª secção deste Juízo, em que é Autora Marilyn Steet, Belleville, New Jersey, U.S.A. e Réus George Peter Slane e mulher Claire Slane, residentes em 6, Frankfurt em Mein 1-Bethovenstrasse, 66, Alemanha Ocidental, há-de ser posto em praça pela 1.ª vez, para ser arrematado ao maior lance oferecido acima do valor que adiante se indica, um prédio urbano sito em Vale do Lobo, freguesia de Almansil, concelho de Loulé, lote 401, descrito na Conservatória do Registo Predial sob o n.º 35 241 e inscrito na respectiva matriz predial urbana sob o art.º n.º 1920, o qual vai à praça no valor de 280 500\$00.

Loulé, 23 de Outubro de 1978.

O Juiz de Direito,
a) Mário Meira Torres Veiga
O Escrivão de Direito,
a) João do Carmo Semedo

Absolvendo o Senhor Soares

(continuação da pág. 1)
que acreditou, e está farto. O Povo acordou e vê que o Senhor Soares o que queria era poleiro, poleiro que lhe foi negado (ele lá sabia porque) por Marcello Caetano. O Povo acordou e sabe que o Senhor Soares enquanto andou por fora, se governou muito bem, senão melhor do que dentro do País. O Povo acordou e vê que o Senhor Soares não quis salvar Portugal, mas sim enterrá-lo. O Povo acordou e vê que os amigos do Senhor Soares, não passam pura e simplesmente de uns oportunistas incompetentes e de uns vulgares desertores, que em qualquer altura voltam a desertar, pois o hábito já o têm.

E pergunto eu: de quem é a culpa? De quem senão do Povo Português?

Suponho ser altura dos Portugueses acordarem. Mas acordarem de vez. Que se podia ou pode esperar de um partido, que até no símbolo (mão fechada, sinónimo na gíria popular, de um indivíduo avarento, agiota), não engana ninguém?

E a palavra DEMOCRACIA esgota-se. Democracia, poder do Povo, mas no entanto, decretam-se medidas nas costas do Povo e em alturas em que o Povo irremediavelmente fica amarrado a elas, como foi o caso do último aumento de preços dos combustíveis, tornado público entre as 21 e as 22 horas e entrando em vigor às 24 horas e mais remotamente quando da desvalorização do escudo, — decretada a uma sexta-feira à noite, para entrar em vigor ao abrir da banca (nacionalizada, nossa — DELES) de segunda-feira (e lembrar-me eu, que também era contra o anterior regime, de quando o ditador Salazar aumentava o preço da gasolina de vinte centavos ir à TV pedir desculpa e que tinha sido obrigado a tomar tal medida).

Dirá o Senhor Soares que não era por mais 250\$00, que uma pessoa poupasse em 50 litros de gasolina, que ficaria mais rica. Claro que tem razão! O que são duas centenas e meia de escudos para o Senhor Soares? Com certeza que não chegarão a ser 5% do custo do seu picnic a meio do Guadiana e nem serão 0.0001% dos lucros do seu colégio e nem serão 5% dos seus vencimentos e

nem chega a ser 10% da ajuda de custo diária, do seu representante aquando da deslocação aos países de África, para nada resolver.

Mas se atender a que a maioria esmagadora do Povo Português, ganha o salário mínimo nacional, a tal poupança da gasolina dá uma média de 5% e mais significativamente, dá para um quilo de carne, que bem poupadinho dá para as refeições de um dia.

Como atrás referi, fala-se em democracia. O Senhor Soares e seus amigos estiveram no poder, democraticamente postos pelo Povo. Mas creio que, em democracia, se um Governo não respecta as vontades do Povo e anda somente a enganar esse Povo, esse mesmo Povo, tem o direito e o dever de correr com tal Governo.

Portanto Senhor Soares, não deixe o Povo acordar por completo ou crie uma nova lide, sob pena de esse mesmo Povo, que o elevou tão alto, o corra de vez, e não por votos, mas a pontapés.

Decorridos 2 anos de Governo, notou-se na sua figura, um certo envelhecimento e um certo abatimento, oposto notório aquando da sua chegada do «exílio». Eu que sou por si (lagarto, lagarto), dou-lhe um conselho: volte novamente para França, para o seu «exílio dourado». O grave é que os «fascistas» Champallimaud e Bullosa, provavelmente agora já não acreditariam em si...

Mas oh! Povo! Não estaremos nós novamente a laborar num erro imperdoável? Não devemos nós deixar que quem nos roubou a carne, nos roa os ossos?!

A. J. R.

LOULÉ



ANTÓNIO ROCHA CAEIRO RONQUILHO

AGRADECIMENTO

Sua esposa Maria Paes Lúcio e seus filhos a fim de evitarem qualquer falta involuntária por desconhecimento de moradas das pessoas que de qualquer forma compartilharam da sua dor vêm tornar público o seu mais penhorado agradecimento a quantos se interessaram pelo estado de saúde do saudoso extinto durante a doença que o vitimou e bem assim a todos aqueles que o acompanharam à sua última morada.

VEM A LISBOA?

Hospede-se no HOTEL LIS. Situado na Avenida da Liberdade, 180.

Telefs. 537771 e 563434.

Quartos com aquecimento, banho, telefone e com baixos preços.

(8-1)

ESCRITÓRIO DE CONTABILIDADE

M. CONCEIÇÃO PIMENTEL

ESCRITAS DOS GRUPOS «A» E «B»

ASSUNTOS FISCAIS E CONTABILÍSTICOS

TELEF. 62867 — LOULÉ

Jornalistas venezuelanos no Algarve

Por iniciativa da Comissão Regional de Turismo do Algarve e com a colaboração da Casa de Portugal em Caracas, esteve na nossa província um grupo de jornalistas venezuelanos que aqui se deslocaram em viagem de promoção turística.

Como era natural, aquela entidade proporcionou aos seus hóspedes visitas aos locais que considerou de maior interesse turístico, facto que contribuiu para que os nossos visitantes ficassem com uma imagem extremamente agradável da nossa província, podendo assim descrever para os seus leitores os encantos desta região.

Na véspera da partida dos nossos visitantes, a C. R. T. A. proporcionou um encontro com representantes da imprensa regional, de que resultaram momentos de agradável convívio com jornalistas cujo idioma nos é familiar e dum país ao qual nos ligam fortes laços de amizade, através dos milhares de portugueses que trabalham na Venezuela e onde encontraram a felicidade que o seu país não lhes proporcionou.

Neste encontro esteve presente o Presidente da Comissão de Turismo que usou da palavra para saudar os visitantes e descrever-lhes o valor do Algarve como estância de turismo a nível mundial, dadas as excepcionais condições naturais com que foi dotado pela natureza, frisando que presentemente dispomos de 70 000 camas, número que se espera possa ser duplicado num espaço de tempo, entre 5 a 10 anos, sem que o meio ambiente seja prejudicado.

Cabrita Neto disse que, durante o corrente ano, o Algarve já foi visitado por cerca de um milhão de turistas. Do estrangeiro o maior contingente foi de ingleses, seguindo-se alemães ocidentais, holandeses e americanos. A totalidade de dormidas atingiu 10 milhões, sendo por isso o melhor ano de dormidas, embora não o melhor de turistas.

Usou depois da palavra o sr. Olmedo Lugo, do matutino Nacional (cuja tiragem diária é de 140 000 exemplares) que agradeceu as palavras de boas vindas dirigidas pelo sr. Cabrita Neto, dizendo sentir-se como em sua casa, tal a maneira acolhedora como fora recebido e frisando que a Venezuela pode ser um bom cliente do Algarve, pois há na Venezuela um ambiente de muita simpatia pela instituição de um regime democrático em Portugal.

Na opinião do nosso visitante a visita deste grupo de jornalistas vai contribuir para fortalecer laços de amizade entre povos de língua quase comum e a sua voz vai juntar-se às de milhares de propagandistas das belezas do Algarve que vivem na Venezuela, salientando que «Portugal pode e

deve ser a porta de entrada dos turistas venezuelanos que vêm à Europa». Pela nossa parte consideramos muito importante a propaganda que seja feita acerca da nossa província, pois a Venezuela é o país sul americano que mais turistas exporta. Os jornalistas podem, pois, ajudar muito para que Portugal se torne mais conhecido na Venezuela, onde ainda nunca foi feita uma propaganda capaz das nossas potencialidades turísticas, até mesmo entre os portugueses que trabalham na Venezuela aos quais é importante dizer para virem conhecer melhor o seu País.

Com esse objectivo se empenhará muito o Dr. António Nuno, director da Casa de Portugal em Caracas, que segundo disse, está realizando um cuidadoso estudo do mercado turístico venezuelano e acrescentou ser «necessário trabalhar depressa e mais».

Prova evidente dessa realidade está no facto de inicialmente ter sido prevista a vinda a Portugal de apenas 6 jornalistas e logo se ter acordado das vantagens de trazer vários grupos até ao máximo de 50 agentes de viagens e jornalistas, a fim de se atender ao interesse que o nosso País está despertando naquele país sul-americano.

Para fomentar esse incremento turístico vai ser lançado o slogan: «Portugal, o país onde o mar acaba e a Europa começa» e ainda outro: «Se quer conhecer a Europa entre pela porta da frente» e cujos bons resultados são facilmente previsíveis se atendermos a que em 1977 se deslocaram à Europa 250 000 turistas venezuelanos, o que dá bem uma imagem do nível de vida dum país em franco progresso, cujo rendimento «per capita» é o mais elevado da América Latina.

Sabe-se que 70% desses turistas desembarcaram directamente em Madrid, e dos 21 000 que estiveram em Portugal apenas 8 000 não eram emigrantes.

Se se disser que o turista venezuelano gasta, em média na Europa cerca de 2 500\$00 por dia, aí teremos uma imagem de quanto interessa a Portugal essa corrente turística que não temos sabido aproveitar.

O sr. Pedro Llorenz, do matutino «El Universal» cuja tiragem diária é de 150 000 exemplares, referiu-se ao facto de ser excelente a sensibilidade dos venezuelanos em relação a Portugal, frisando o facto de os portugueses serem muito considerados como bons e honestos trabalhadores facilmente integráveis e já muito integrados na economia venezuelana como elemento muito forte para o progresso desse país.

Embora a agricultura seja o sector que mais emigrantes forneceu à Venezuela, a verdade é que a

maioria dos nossos compatriotas se dedica ao comércio, actividade a que não tiveram dificuldades em se adaptar, segundo a opinião expressa pelo sr. Pedro Llorenz, que frisou continuar existindo no seu país grande carência de mão de obra qualificada.

Na opinião dos nossos visitantes foi muito proveitosa a visita do general Eanes à Venezuela, não só por ter proporcionado boas oportunidades para demonstrações de patriotismo dos portugueses, como ainda promoveu diversos acordos comerciais e industriais, perspectivando ainda a necessidade duma cooperação técnica de ambas as partes colherem benefícios.

Também foi dito que se projecta enviar à Venezuela uma embaixada artística, medida que consideramos do mais elevado interesse cultural e artístico e de são portuguesismo.

Como director e produtor de rádio também usou da palavra o sr. Fernando Santos, (há 28 anos residente na Venezuela) e que traçou uma panorâmica da actividade da rádio portuguesa, que actua no sentido de informar os portugueses e manter acesa a vela na língua pátria em distantes terras americanas.

Como se vê, só dos países chamados de capitalistas é que nos poderá vir alguma ajuda para erguermos este pobre país a uma prosperidade que seja benéfica para todos.

Não será do Leste que poderemos esperar algo de bom visto que a sua principal exportação é de material de guerra. E não será matando o Povo que se libertam os Povos práticos que desde há muitos anos vem sendo seguida pela União Soviética.

E a prova mais evidente de que a ânsia de cada um de nós é viver melhor é que os próprios comunistas portugueses (e alguns até de Loulé) têm emigrado apenas para os países a que chamam de capitalistas preterindo os socialistas. E eis lá sabem porquê...

Esta visita dos jornalistas venezuelanos e as boas perspectivas que eles deixam antever para que mais compatriotas seus se desloquem a Portugal, mais uma vez demonstra a saciedade que é, assim, através de fluxos turísticos, praticados entre homens dos países livres do Ocidente, que se vê (com a limpidez cristalina da água que brota das fontes) onde existe a autêntica liberdade que concede aos cidadãos o direito, que devia ser inalienável, de saírem dos seus países (até têm dinheiro para o fazerem) e onde estão essas «amplas liberdades» que escravizam o homem à tirânica vontade de um estado totalitário, despota e opressor que cerceia aos seus cidadãos as mais elementares armas de liberdade e de livre circulação até dentro das suas próprias fronteiras...

Crise em fábricas de casas pré-fabricadas

Industriais da construção civil, que se dedicam à produção de casas pré-fabricadas, reuniram-se, no dia 20, com os jornalistas, a quem deram a conhecer a situação de crise que se vive no sector, o que põe grande número de empresas em riscos de fechar.

Segundo os mesmos, esta situação deve-se ao não cumprimento por parte do Governo de compromissos com o «Programa CAR» — plano da Comissão para o Alojamento dos Refugiados, aprovado em fins de 1975, que visava a construção em todo o país, num prazo de 5 anos, de 12 000 fogos.

As dívidas do Estado elevam-se a 1 300 000 contos.

Boqueirões



Pelo lápis afiado de LUÍS PEREIRA

★ Sabem quando é que dois e dois não são quatro? Quando a conta está errada. O mesmo acontece com os nossos governos que não são governos porque as contas estão erradas.

★ Pinheiro de Azevedo, líder da Democracia Cristã, é célebre em mandar as pessoas à «bardamerda», Cristianismo ou Democracia em excesso?

★ Jorge Campinos do PS comprou um terreno na Picota. Pensa em fixar-se ali, quando receber a reforma socialista. Mais um «algarvio»...

★ Diz-se, diz-se que certo advogado vai regressar ao mesmo escritório que começou?...

★ Há uns boqueirões que afirmam faltar trezentos contos para o Posto Clínico, em construção, de Boliqueime.

★ No povo de Boliqueime há pessoas que sofrem de insónias e que de noite vêm despejar o penico à porta do vizinho.

★ Para se utilizar as casas de banho da estação rodoviária de Faro (ex-EVA) é necessário calçar-se botas de borracha e tapar o nariz com algodão.

★ O mais popular automobilista algarvio é o João de Salir e o seu Alfa-Romeo.

★ A ponte do volta atrás ou Ponte de Barão vai ser aproveitada para um ringue de «boxeurs».

★ O único partido capaz de endireitar o País é o Movimento Democrático das Mulheres.

★ Quem é o sujeito que distribuiu propaganda a enaltecer Hitler, na Segunda Grande Guerra e que agora é do Partido Comunista?

★ Boliqueime é uma das terras do Algarve de maior tradição de bruxaria. Na monografia do concelho de Loulé, o dr. Ataíde de Oliveira já frisava esse ponto. Talvez fosse bom que uma bruxa desse água a esta gente.

★ Diz-se, diz-se que um dos pratos favoritos dos guardas da caça é passarinhos fritos com alhos, piripiri e Reguengos de Monsaraz. Diz-se, diz-se...

ACOMPANHE A MODA VISTA NA BOUTIQUE

PARADIS

AS ÚLTIMAS NOVIDADES DE PARIS

Em anexo:
Salão de cabeleireira
Perfumaria
Artigos decorativos

★
Gerência de
Maria Aura Rosa Martinho

★
Avenida José da Costa
Mealha, 115
Telef. 62924 — LOULÉ

VENDE-SE

Uma courela com 3 hectares, situada no sítio de Momprolé (Loulé), confrontando com Alexandre Rosa da Ponte e Jacinto Guerreiro Dias e caminho.

— Uma propriedade sita na Campina de Baixo (Loulé) confrontando com Herdeiros de António Nunes Teixeira e Francisco Mendonça e Manuel Fernandes e caminho. Com 14 hectares.

Tratar com José Chagas — Telef. 62185 — Farmácia Chagas — LOULÉ.

Cervejaria-Café PEREIRAS

Joaquim Lopes Guerreiro

Tem o prazer de comunicar a todos os seus amigos e ao público em geral que acaba de abrir um estabelecimento Cervejaria-Café nas Pereiras de Cima (Quarteira), junto à Estrada Nacional onde serve os mais variados petiscos, frangos assados no churrasco, etc., etc..

Pode também utilizar a sala de jogos como agradável passatempo. Visite-nos e experimente os nossos pratos. Telef. 62950 — Quatro Estradas — LOULÉ.

O Juiz de Direito,
a) Mário Meira Torres Veiga

O Escrivão de Direito,
a) João do Carmo Semedo

ARMAZÉM — VENDE-SE

Situado em Quarteira na Rua que liga a Avenida da Quinta do Romão com o Largo das Corte Reais, n.º 17. Área 200 m2, com 10 m de frente. Aceitam-se ofertas.

Dirigir carta a este jornal ao n.º 31.

(2-2)

PEDRO DE FREITAS MERECECIDAMENTE HOMENAGEADO EM LOULÉ

Loulé pagou há dias uma dívida de gratidão e honra lhe seja pelo facto.

Constituiu esse elementar acto de justiça na deliberação tomada, por unanimidade, pela respectiva Câmara Municipal, em sua sessão do passado dia 29, de dar o nome do escritor e músico PEDRO DE FREITAS, a uma das ruas da mesma vila, precisamente aquela que lhe foi berço.

Premeiam-se dessa forma não apenas toda uma vida de trabalho intenso e indiscutíveis méritos pessoais demonstrados através de uma obra de inegável valia, mas premeia-se sobretudo um indefectível louletanismo, uma maneira de ser e de estar no mundo que se pode apresentar como autêntico paradigma das melhores virtudes locais.

Pedro de Freitas é um velho amigo deste jornal e do seu Director, alguém que por dezenas de vezes honrou estas colunas com o brilho da sua colaboração e que, vivendo no Barreiro, nunca deixa de nos visitar quando vem ao seu e nosso Algarve, sempre enérgico, activo e decidido, insuflado de vida e insuflando ânimo, como se os seus 84 anos não contassem e fosse ainda aquele

valores clarim da Flandres, a conquistar com denodo os seus primeiros títulos de glória.

Vemos por isso com alegria a homenagem que lhe foi prestada e vemo-lo até pelo que sabemos quanto ela terá calado fundo no seu coração e no seu espírito.

A concretização da deliberação camarária está marcada para Novembro próximo e obedecerá a programa que sabemos já esboçado, mas a que em breve será dada a organização definitiva.

(Do «Correio do Sul»)

«ALGUNS SUBSÍDIOS ARQUEOLÓGICOS SOBRE A ANTIGA CIDADE DE Balsa» OPÚSCULO DE J. FERNANDES MASCARENHAS

Acabámos de receber, por amável deferência que nos cumpre agradecer, o opúsculo «Alguns subsídios arqueológicos sobre a antiga cidade de Balsa», da autoria do nosso estimado amigo e

(Continuação do n.º anterior)

É, assim, o turismo uma plataforma única, no sentido de aproximar os povos e de dar, a todos, a verdadeira medida do humano, medida que cada vez parece tornar-se mais necessária, no sentido em que os responsáveis pelos destinos do Mundo o estão fazendo sentir, incansavelmente, em cada hora que passa.

Bastará recordar a acentuação tremenda, que as encíclicas papais têm vindo a dar à comunicabilidade entre os vivos, base que é apontada, principalmente por João XXIII e por Paulo VI, quasi que permanentemente, de cada

vez que falam em nome de Pedro, ao mundo cristão, e, mesmo aos outros mundos não cristãos.

Nós, em Rotary, estamos perfeitamente à vontade, nesta ordem de ideias, e temos o orgulho de proclamar, também «kurbi et orbi» (que, no Algarve se deve traduzir, mas modestamente, como, «às cidades e à Província») temos o orgulho de proclamar, que nada devemos mudar, das nossas ideias rotárias, porque estamos dentro, perfeitamente dentro, desta orientação humaníssima, desde os primeiros dias. Pelo contrário, é com manifesto júbilo que Rotary pode dizer, com sincera e inteira verdade, que, se alguém mudou, Graças a Deus, não foi Rotary, mas, sim os seus detractores. Esta mudança é tanto mais transcendente, quanto é certo que não veio de qualquer pressão internacional ou partidária, mas, simplesmente, porque... Deus não dorme e soube inspirar, no bom sentido, os sucessores de Pedro.

Temos o direito de considerar que a visita dos nossos Presidentes e Vice-Presidentes a Roma, já no decurso deste ano, e a consequente recepção que tiveram por parte de Paulo VI, retira, definitivamente a todos os nossos críticos, a legalidade das suspeições — cuja natureza eu nem sequer cheguei a compreender, verdadeiramente —, suspeições que, de início, penderam sobre a expansão rotária portuguesa.

E, posto isto, que deve interessar aos católicos, sem excepção, mas que deve só interessar a alguns rotários, voltemos, calmamente, ao nosso tema turístico:

Nós aqui, em Portugal, e, muito especialmente, aqui, no Algarve, estamos em maré de receber turistas. Demais o sabemos todos e Rotary melhor do que ninguém, pois, connosco, podemos dizê-lo sem hipérbole, é que eles se entendem, assim que chegam.

Todos temos, já, uma casuística de tipos humanos interessantíssima, que conhecemos por virtude dupla de Rotary e do turismo. Quanto mais conhecermos e quanto mais compreendermos, só Deus sabe, pois, como diz a minha criada velha, ainda agora a procissão vai na Praça...

Na verdade, viver, é, cada vez mais, conviver; e conviver, dizem

os homens da filosofia, é viver «com» não é viver «contra», como fomos ensinados a pensar, nos princípios deste século.

Para mim, é tremendamente significativo que, por exemplo, um casal de suecos, de que todos se devem lembrar, que nos visitou no ano passado, tenha entrado em minha casa, e, logo após uns curtos instantes de formal visita de sala, a senhora, animada pela cordialidade que só Rotary dá, se tenha virado para minha mulher e lhe tenha pedido candidamente... que lhe mostrasse a cozinha. Para aquela filha das neves eternas e de uma civilização altamente mecanizada, Portugal começou por uma cozinha pequeno-burguesa, com um cusculhar científico de todos os respectivos trastes, sem escapar o pote do sal.

Entretanto, o marido, por sinal um colega meu, absorvia, homericamente, quantidades letais de vinho do Porto, esparrado no sofá, e, de sorriso muito louro, na face angélica, ia-me contando o que era a Suécia, não aquela Suécia das fitas do Ingmar Bergman, que por sinal é vizinho deles e que (santos de casa não fazem milagres), eles não apreciam, mas aquela outra Suécia onde viviam, desde sempre, e que era, manifestamente, a Suécia de todos os dias, aquela que, provavelmente encontrará quem lá se fixar, mas não encontra, de certeza, quem lá for em cortical visita turística.

Lembro-me bem de que, tendo eu feito, talvez, cara de um certo espanto, pela descida aos infernos cozinhais de madame, o nosso companheiro sueco me saltou com esta: — «Não se espante. Lá na Suécia, as mulheres ligam muito mais aos aspiradores do que aos maridos...».

Cá por dentro pensei: — «Mal tu sonhas quantas portuguesas terão esta costela sueca!».

Perdoem, minhas senhoras, este desabafo, e passemos adiante.

Seria estultícia estar a ensinar o Padre Nosso ao cura, que é assim uma forma de dizer que vos pretendo explicar aquilo que todos sabem, e muito melhor do que eu: — É, realmente, Rotary, uma excelente forma de fazer turismo... sem sair de casa, pois vem o turismo dar connosco, e, às vezes, como autênticos «chorrilhos», isto é, em verdadeiras avalanches, que nos radicam no espírito esta desanimadora verdade rotária: Rotary é muito bom... mas para quem não tenha nada que fazer, dado que, se formos em certas épocas a cumprir aquilo que um Club (e mais o meio milhão de companheiros) exige, então, não há tempo, nem para dormir.

Tenho viajado qualquer coisa, não muito, mas, enfim, aquilo a que as cozinheiras chamam o «travial», que é assim uma forma de dizer que fazem croquetes e bifés panados. Pois, destas viagens triviais, eu não sei bem se trouxe maiores ensinamentos humanos, do que dos contactos que tenho tido, em Rotary, com os diferentes povos do Mundo e que adregeram de se sentar comigo, em volta das mesas do companheirismo, à beira da minha curiosidade.

(Continua)

ROCHETA CASSIANO

A NOSSA IMAGEM CULTURAL, SOCIAL E PROFISSIONAL

Quando falamos de profissão, deveríamos falar também de cultura. É importante para qualquer profissional, ter um nível cultural de acordo com a profissão que exerce. Só assim seria possível termos profissionais competentes, nos mais variados ramos. Paralelo à profissão e à cultura, devemos considerar ainda o social.

Depois desta breve introdução, quero referir-me concretamente à imigração portuguesa radicada na Venezuela, e aos seus descendentes.

Como base para as observações que vou fazer, tenho unicamente as da minha própria experiência nos vinte anos que aqui resido.

Vejo com muita tristeza o desinteresse da maior parte dos nossos compatriotas pelas actividades culturais ou profissionais. Os que assim procedem terão as suas razões, mas a culpa de tais desvios, radica tanto no governo do país de origem, como no sistema do que nos recebe. Aquela célebre frase de: Sapateiro aos seus sapatos, continua sem ser cumprida. Portanto é muito comum ver mecânicos a trabalharem em padarias, professores a venderem refrescos, técnicos agrícolas como empregados de Bar, etc., etc..

É pena ver rapazes que seriam talvez aptos para aprender determinadas profissões, ou continuar estudos superiores, abandonados ao destino. É certo que, devido às circunstâncias de ordem económica, muitos indivíduos são forçados a interromperem os seus estudos para se dedicarem a qualquer actividade mais lucrativa. Mas a maior parte, é por falta de incentivo, tanto dos familiares, como do meio ambiente onde se desenvolvem.

Tanto aqui como em qualquer outro país, os portugueses são considerados os mais honestos e eficientes trabalhadores, mas também é triste constatar que somos considerados uma das imigrações mais incultas e desinteressadas pelas actividades sociais e culturais. Para confirmar estas afirmações, basta confirmar o reduzido número de sócios filiados nas associações existentes, em relação ao número de portugueses aqui residentes.

Algumas das associações já começaram a dar passos para incen-

tivar a nossa juventude a ter gosto pelas artes, mas não só dos dirigentes das associações devemos esperar as motivações pela cultura dos respectivos afiliados. As nossas autoridades representativas deveriam sair mais frequentemente dos seus cómodos gabinetes de Caracas e ajudarem a planificar com os directivos das nossas associações, quais os caminhos a seguir, para fazer possível o melhoramento cultural, social e profissional dos portugueses e os seus descendentes aqui residentes.

Para que os nossos filhos sintam mais orgulho de dizer em qualquer parte que são filhos de portugueses, devemos (ajudados pelos funcionários competentes) melhorar ou modificar radicalmente, a nossa imagem no estrangeiro. Pois embora alguns não estejam de acordo com tal apreciação, mas, os imigrantes, seremos sempre os verdadeiros embaixadores da cultura portuguesa em todos os países onde estamos radicados. Caracas, 1978.

MANUEL C. CORGA

VINHO VAI AUMENTAR DE PREÇO (e diminuir de consumo — aventa-se)

Ainda está a ser discutida (na Associação dos Comerciantes e Industriais do Vinho a nova tabela de preços do vinho, mas já se anuncia um aumento do produto a partir da segunda semana de Novembro.

Pelos rumores que correm, ventilados pela imprensa diária, o litro de vinho ascenderá entre 40 a 50 escudos, se for engarrafado e de 35 a 40 escudos se a granel. O garrafão de 5 litros custará 175 escudos. O preço das aguardentes rondará os 100 escudos o litro.

No entanto avultam fortes apreensões sobre a receptividade do produto, cujo consumo tem vindo a decrescer à medida que se registam os sucessivos agravamentos de custo. Conta, como determinante do aumento, a péssima campanha vitivinícola do ano passado, que acusou uma redução de

comprovinciano José Fernandes Mascarenhas.

A obra vertente como o seu título indica, devota-se à compilação de dados histórico-arqueológicos de extremo interesse, os quais lançam luz sobre muitos pontos obscuros da antiga cidade de Balsa, ao que se aventa de origem romana.

O trabalho é compacto e em face aos muitos elementos monográficos aí reunidos, deixa-nos a convicção que nem por isso, pela limitação quantitativa do texto, este foi de fácil elaboração.

Deve-se entretanto estimar que o autor com mais este «subsídio» veio enriquecer os ensaios de história e arqueologia que formam hoje (pela parte que lhe toca) uma colecção notável, de sua lavra.

Demais, com a importância crescente que hoje se regista em torno da arqueologia, pelos testemunhos surpreendentes que ela nos oferece, esta obra de José Fernandes Macedo, vem preencher mais uma lacuna e lançar mais umas tantas achegas para satisfação dos estudiosos e curiosos destes palpitantes assuntos.

Abertura do ano lectivo nas Escolas de Hotelaria e Turismo de Faro e Portimão

Teve início no passado dia 16 a abertura do ano lectivo 1978/79 na Escola de Hotelaria e Turismo do Algarve (Faro e Portimão).

Em Faro inscreveram-se 251 alunos e em Portimão 322.

Os cursos de línguas (Alemão, Francês e Inglês) foram os que ti-

veram maior número de inscrições. Os cursos de Aperfeiçoamento — Hotelaria registaram inscrições nas secções de Andares (Governantas e Empregadas de Quarto) Bar, Cozinha, Lavandaria, Mesa, Portaria e Recepção.

Espera-se para breve, autorização superior para se iniciar um Curso de Formação de Cozinha — sector onde se nota grande falta de profissionais. Igualmente e agora no sector de Turismo, aguarda-se a resolução de um contencioso existente entre o Centro Nacional de Formação Turística e Hoteleira e o Sindicato dos Profissionais de Informação Turística, Interpretes, Tradutores e Profissionais Similares para que possam ter início cursos de Formação para Guias Regionais e Transferistas que tanta falta fazem no Algarve.

TRANSCRIÇÕES DO NOSSO JORNAL

O jornal «A Capital», de 30 de Setembro último, transcreveu, o que nos apraz registar e agradecer, o artigo «É necessário proteger o agricultor», que «A Voz de Loulé» inseriu nas suas páginas.

Compete-nos, por outro lado

observar que a grande imprensa por vezes concede espaço a comentários de feição regional, emprestando-lhes maior ressonância e propagação.

Daí o nosso natural agrado pela distinção de que fomos alvo.

PROPRIEDADE COMPRA-SE

Propriedade rústica de preferência inculta, com mais de 20 hectares, compra-se, de baixo preço, entre Loulé e Vila Real de S. António.

Nesta redacção se informa.

JOSÉ FERREIRA TORRES fala à «Voz de Loulé»

(Conclusão do n.º anterior)

«...É DE LAMENTAR A EXISTÊNCIA DE BURACOS NAS VIAS DO TRÁNSITO PÚBLICO, COMO É DE CRITICAR A EXISTÊNCIA DE UMA PONTE ERIGIDA NOS TEMPOS DA DILIGÊNCIA»

V. L. — Outro problema, de que os utentes se queixam constantemente: é o dos buracos na via pública. Refiro-me, por exemplo, às péssimas condições da estrada que liga Vilamoura a Albufeira e à ponte do volta atrás: a Ponte de Barão; problemas esses que prejudicam grandemente uma zona turística de relevo. Será que a Câmara está isenta de responsabilidades neste campo?

F. T. — Todo o sistema viário, rodó e ferroviário, está deveras atrasado se atentarmos na importância que os meios de comunicação têm para o florescimento do turismo algarvio. Por esse motivo é de lamentar a existência de buracos nas vias de trânsito público, como é de criticar a existência de uma ponte erigida nos tempos da diligência. As causas, se bem as sabemos, advêm de uma projetada nova estrada ou melhor da sua reconstrução, nela estando incluída a construção de uma boa ponte, que além das diligências deixe passar em dois sentidos os veículos da nossa era. Evidentemente que a morosidade da obra, que talvez venha a emparelhar com as «obras de Santa Ingrid», tem como motivo principal a burocracia reinante. Tanto a estrada como a ponte são da responsabilidade de dois municípios: o de Loulé e o de Albufeira.

V. L. — Se os problemas burocráticos por uma só entidade já são muitos, agora pense o leitor, como serão envolvendo duas Câmaras, não é verdade?

F. T. — Claro que esse reparo está bem concluído.

«...SOU UM FERVOROSO ADEPTO DA AUTONOMIA ADMINISTRATIVA E TAMBÉM DA AUTONOMIA REGIONAL DO ALGARVE»

V. L. — O comportamento dos órgãos de cúpula tem concertado a ver com a actual forma de burocracia que envolve toda a vida das autarquias locais. Quer referir-se pormenorizadamente a esta questão?

F. T. — Como sabe a burocracia é um dos pesadelos maiores de qualquer Estado moderno. Acontece é que alguns Estados, como o nosso, usam e abusam em excesso os limites dessa burocracia. Evidentemente, que num concelho rural como é Loulé em que as distâncias, em parte devido à sua má divisão administrativa, são demasiado longas de freguesia para freguesia, este desequilíbrio acarreta constantes transtornos ao município que tem assuntos para resolver nos diferentes serviços públicos de Loulé, entre eles a Câmara, e que, quando abandonada a vila aborrecido considera ser uma burocracia cada vez mais emperrada e ferrugenta. É possível que neste ponto venhamos todos a beneficiar com a nova lei do Poder Local em que se verificará uma maior independência das Câmaras locais.

V. L. — Quer dizer que acredita na Autonomia Administrativa?

F. T. — Não só acredito como sou um fervoroso adepto da autonomia administrativa e também da autonomia regional do Algarve. Nesta última pretensão as coisas são mais difíceis de resolver. Necessita-se para a levar a efeito de muitas pessoas possuídas de boa vontade para darem andamento a um dos problemas mais transcendentes para esta província. Em breve darei mais notícias sobre este assunto, pois já levantei o problema na Assembleia Municipal.

V. L. — Os I e II Governos Constitucionais auxiliaram de forma significativa, através de subsídios e apoio técnico, o Município de Loulé?

F. T. — Segundo a opinião dos críticos de café, a Câmara de Loulé devido à sua acção teve uma vela acesa num dos organismos do herário público. O que não sei é se essa vela tinha qualquer côr política.

V. L. — Tem havido colaboração mútua entre os partidos ou a «guerra» partidária é extensiva a todas as autarquias locais?

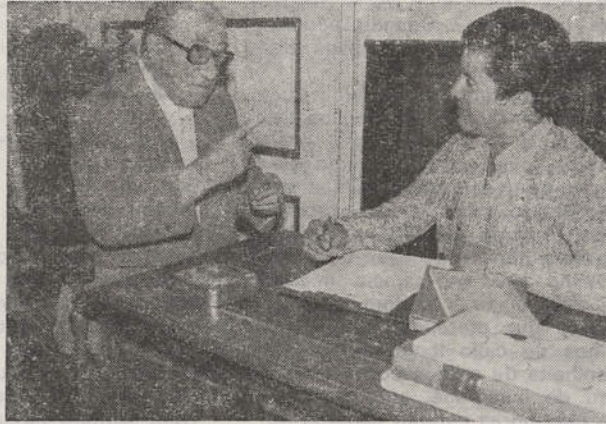
F. T. — De início os desentendimentos partidários prejudicaram a acção da Assembleia mas por-

da nossa terra. A organização terá como lema: a Reflexão, o Convívio e o Utilitarismo.

V. L. — E para finalizar, queira o sr. Torres, debruçar-se sobre algum assunto digno da nota e que porventura tenha ficado esquecido neste diálogo que penso tenha correspondido aos anseios do leitor para um melhor esclarecimento acerca do funcionamento das autarquias locais.

F. T. — Como nota bastante positiva temos a recente lei que

JOSÉ FERREIRA TORRES NO MOMENTO EM QUE ERA ENTREVISTADO POR LUÍS PEREIRA



que o bom senso, embora às vezes tarde, chega a todas as pessoas, o entendimento agora é mais cordial.

«...UMA CASA DA CULTURA EM LOULÉ E OUTRA NA CORTELHA»

V. L. — E agora mudando para o campo cultural. Quais as actividades da Câmara dignas de realce? «A Voz de Loulé» congratula-se que o nome de Pedro de Freitas seja inscrito na toponímia de Loulé, pelo seu bairrismo e dedicação permanente à terra que lhe serviu de berço. Já há muito que «A Voz de Loulé» propusera que lhe fosse atribuída uma medalha de mérito, por outro lado, o sr. J. C. Viegas, colaborador deste jornal tem sido um trabalhador incansável estando a preparar a reedição das obras do dr. Ataíde de Oliveira ao mesmo tempo que, juntamente com outros louletanos, se propõe criar um Museu etnográfico nesta vila. A Câmara apoia iniciativas deste género que engrandecem o património cultural ou furta-se a tais realizações de mérito?

F. T. — Sobre as referidas actividades devo citar que está em projecto na Câmara uma Casa de Cultura em Loulé e outra na Cortelha. A de Loulé está planeada para a Antiga Escola Primária da Praça da República, onde tem funcionado o nível Rancho Folclórico Infantil de Loulé, outra das realizações camarárias. Quanto a iniciativas culturais não tenho conhecimento de quaisquer outras, a não ser a homenagem prestada a Pedro de Freitas, o conhecido musicólogo e escritor louletano, que vai ter o seu nome inscrito no antigo Largo do Carmo. Creio que tudo o que for útil ao desenvolvimento cultural de Loulé será bem visto pela Câmara e Assembleia Municipal, dado que os recursos disponíveis para o avanço da cultura na nossa região são muito frágeis. Por isso serão bem recebidas todas as iniciativas e ideias que sirvam para colmatar a brecha cultural da nossa vila, isto no que diz respeito tanto à futura reedição de obras do dr. Ataíde de Oliveira como à criação de um museu histórico e etnográfico, o que tudo somado significa uma expressão de verdadeiro louletanismo. Pela minha parte tenho em vista a criação de uma sociedade dirigida a fins culturais. Posso adiantar desde já que a surgir esta instituição social, terá como título: «Clube séc. XXI». Não será um clube privilegiado mas destina-se nos seus objectivos finais reunir as pessoas interessadas no seu próprio desenvolvimento cultural e que resultará em benefício para a dinamização sócio-cultural

tem como motivo básico o fim da centralização e da subordinação ao Terreiro do Paço. Que esta lei se destine a melhor servir os interesses dos municípios da vila e das suas freguesias, são os meus votos.

LUÍS PEREIRA

PRÊMIO IMPRENSA instituído pela Campanha Antifumo

É do teor seguinte uma circular atinente à atribuição do Prémio Imprensa:

«Tendo em vista consagrar o apoio dado pela Imprensa à Campanha Antifumo da iniciativa da Direcção Geral dos Desportos e, simultaneamente, estimular a continuação desse apoio a uma causa de interesse nacional é criado um prémio cuja atribuição está condicionada pelos seguintes factores:

1. O prémio DGD 1978 propõe-se distinguir as melhores peças jornalísticas dedicadas à Campanha Antifumo publicadas no corrente ano na Imprensa portuguesa.
2. Cada concorrente pode apresentar um número ilimitado de peças originais.
3. As peças devem ser entregues no Gabinete de Coordenação de Campanhas de Sensibilização da D.G.D., no Instituto Nacional dos Desportos, na rua Almeida Brandão n.º 39, LISBOA 2, até às 18 horas do dia 31 de Janeiro de 1979.

4. As peças devem incluir o nome e a direcção do órgão de informação onde foram publicadas, bem como, página, data e autor (no caso de assinar).
5. O Juri será conhecido oportunamente e as suas decisões são soberanas não havendo possibilidade de recurso.

6. As peças enviadas ao Concurso passam a fazer parte dos arquivos da DGD, que as poderá reproduzir, expor, etc., não cabendo aos autores e produtores das peças qualquer compensação.

7. Prevê-se a atribuição dos seguintes prémios:

— Prémio DGD para a melhor peça jornalística (redigida ou sob outra forma de expressão visual) a atribuir ao seu autor ou, no caso de não ser assinada, a um representante do Órgão de Comunicação Social que a publicou, no valor de uma participação na 4.ª Conferência Mundial sobre o Tabaco e a Saúde, a realizar em Estocolmo, em Junho de 1979 (incluindo viagem e estadia).

— Prémio honorífico para o Órgão de Comunicação Social que publicou a peça premiada.

— Menções honrosas a atribuir eventualmente.

— Outros prémios a atribuir eventualmente por outras entidades igualmente interessadas na Campanha Antifumo».

AVALES DO ESTADO

No «Diário da República», do dia 24, foram publicadas as resoluções n.ºs 165 e 166/78 que autorizam a concessão de avales do Estado aos empréstimos de 25 e 8 milhões de unidades de conta europeias a conceder pelo BEI respectivamente, à Cimpor e à Quimigal.

Quando o problema da habitação é também um problema político

(continuação da pág. 1)

lhes permitam uma vida mais fácil, pois todos sabemos que com o actual baixo nível de vida os camponeses estão cada vez mais desprotegidos, esquecidos completamente nas suas aldeias.

Cada cidadão tem o direito fundamental à habitação, embora se deva preservar sempre na defesa do meio ambiente. Torna-se, assim, indispensável uma planificação realista e concreta da indústria da construção que garanta o seu desenvolvimento sem prejuízo para o meio ambiente.

A vinda dos retornados colocou outro problema à administração pública: preferindo as zonas privilegiadas onde se desenvolvem a indústria e o comércio, começaram a construir os seus barracos junto às vilas ou cidades, contribuindo para o aumento dos bairros de lata, sem o mínimo de conforto e de higiene. Por outro lado, o aluguer das casas é um problema. Há gente que prefere não alugar as suas casas. Se há senhorios que têm as suas casas pessoas que se julgam donas das mesmas, há inquilinos cujo ordenado não lhes chega para pagar as rendas que aumentaram consideravelmente.

Que soluções? Não dispondo de meios financeiros suficientes, as autarquias são um triste exemplo dos exageros de uma Revolução «celerada» que teve a honra de aumentar os bairros de lata em vez de tornar mais fácil o acesso de todos os cidadãos à habitação.

O aumento do poder económico das populações é condição indispensável para a concretização dos grandes programas de construção de alojamentos. Baixou brutalmente o poder de compra do cidadão comum, subiu o preço dos materiais de construção, da mão de obra e da compra de terrenos. O bairro da lata de Quarteira é uma imagem ridícula que define clara-

mente os efeitos de uma política habitacional defeituosa; constitui uma amostra de incapacidade dos órgãos autárquicos em dar uma resposta aos problemas de alojamento do concelho de Loulé. Também a não utilização de terrenos existentes no interior da vila, abandonados há mais de trinta anos, revelam a pouca vontade que a administração pública tem na solução dos problemas urbanísticos que são de uma importância social transcendente.

Nenhuma medida especial têm sido propostas de modo a criar habitações sociais para os jovens casais, pessoas idosas, doentes e incapacitadas. Países desenvolvidos, como a França, e os países nórdicos, consideraram o estabelecimento de projectos-tipo, projectos de perfeição completa, com desenhos traçados, cálculos, medições e orçamentos, que absorvem muitos meses de trabalho de gabinete como um dos processos mais potentes e eficazes para a resolução dos problemas da construção de habitações.

Os serviços técnicos portugueses estão «reforçados» com especialistas de gabinete, teóricos de livrinhos de bolso e jornal na mão. Estudam as leis mas não conhecem um terreno, não traçam um plano realista com cálculos e medições acertadas. Ir ao local, fazer um estudo pormenorizado, desenhar e orçamentar é muito mais importante que aprovar leis injustificadas, leis que não favorecem ninguém.

O quadro de urbanização no nosso concelho é desolador, inquietante, controverso.

Quarteira é vítima das maiores arbitrariedades de uma legislação deficiente aprovada em cima do joelho. Ruas privadas, construções clandestinas, veredas no interior, interesses privados a defender que custará caro a quem quer construir amanhã ou quem procura uma casa para morar e não consegue. Uma política habitacional a condizer com a grave crise que atravessamos em todos os sectores.

LUÍS PEREIRA

MENSAGEM EM PORTUGUÊS DO PAPA JOÃO PAULO II

Na inauguração do seu pontificado, ocorrido no passado dia 22 de Outubro na Praça de S. Pedro, que registou a presença de uma multidão avaliada em cerca de 200 mil pessoas, o Papa João Paulo II, durante a homilia proferida, lançou mensagens em mais de dez línguas.

A mensagem em português, foi a seguinte: «Irmãos e filhos da

língua portuguesa: como servo dos servos de Deus, saúdo-vos afectuosamente no Senhor, abençoando-vos. Confio na caridade do vosso coração e na vossa fidelidade para viverdes sempre a mensagem deste dia e deste rito: «Tu és o Cristo, filho de Deus vivo».

O novo Papa renunciou expressamente à títula, símbolo do poder temporal.

DIZ-ME O QUE LÊS... ...DIR-TE-EL COMO PENSAS

Não se trata propriamente de um inquérito à opinião pública louletana, mas apenas de pequenas curiosidades recolhidas no Quiosque Ele e Ela, frente à estação da ex-EVA, na ex-Avenida Marechal Carmona.

Pequenas curiosidades sobre a curiosidade dos leitores de jornais em Loulé, e sobre o modo de sabendo como se lê, se ficar a saber como se pensa, tomados estes meios da comunicação social como barómetro das tendências da opinião pública.

Mas deixemos os números falar:

JORNAIS DIÁRIOS

De tendência comunista:	receb./vend.	
Diário de Lisboa	15 12	80%
Diário Popular	40 40	100%
O Diário	25 12	48%
	80 64	80%

De tendência socialista:	receb./vend.	
Diário de Notícias	20 17	85%
A Luta	15 6	40%
A Capital	30 27	90%
	65 50	76%

De tendência conservadora:	receb./vend.	
O Dia	60 55	91%
Jornal Novo	10 5	50%
	70 60	85%

SEMANÁRIOS

De tendência comunista:	receb./vend.	
Voz do Povo	20 3	15%
Avante	1 1	100%
	21 4	19%

De tendência socialista:	receb./vend.	
O Jornal	40 35	87%
O Sete	20 20	100%
	60 55	91%

De tendência conservadora:	receb./vend.	
Expresso	70 60	85%
O Tempo	60 60	100%
O Diabo	50 50	100%
Edição Especial	40 30	75%
O País	40 40	100%
A Rua	20 20	100%
A Voz de Loulé	5 5	100%
O Retornado	15 7	46%
Povo Livre	5 4	80%
	305 276	90%

JORNAIS DESPORTIVOS

	receb./vend.	
A Bola	110 100	90%
Mundo Desport.	20 15	75%
Record	50 40	80%
Auto Sport	20 17	85%
Motor	10 10	100%
Sporting	2 2	100%
	212 184	86%

Algumas ilacções (com alguma subjectividade pelo meio...)

1.º — O jornal diário que mais se vende é o Dia, e o de menor venda o Jornal Novo, ao que nos dizem, por chegar quase sempre no dia seguinte ao da publicação.

2.º — Socialistas e comunistas manifestam uma preferência pela notícia actualizada (jornais diários), enquanto a ala conservadora

ra de Loulé, inflecte no sentido dos semanários, da opinião escrita, das crónicas, dos ensaios, da notícia feita digestão no intestino cerebral dos nossos analistas políticos.

3.º — O jornal de maior expansão é o trissemanário desportivo A Bola o que só prova que nem a revolução chegou para tirar as manias da bola ao Zé...

4.º — O jornal de menor consumo, é o órgão das «ampas liberdades», o Avante. Se calhar é tudo assinantes!...

5.º — Significativas as vendas escassas de A Luta e A Voz do Povo.

6.º — O leitor que as tire. Resumindo e concluindo: Há público para jornais de todas as cores mas a tendência conservadora avança iniludivelmente... ou então, são os outros que têm menos.

Os jornais estatizados e pagos com o dinheiro generoso dos cofres públicos, vendem cifras ridículas, que nem dão para o transporte.

Os comunistas têm o seu público certo, mas reduzido.

De resto, os números estão à vista. Só é cego quem quizer. Mas isto, pelo rumo que as coisas levam, até parece que estamos num país de cegos!...

M. B.

A E. P. A. C. E OS SECADORES DE MILHO

Mais um ano prestes a terminar. As uvas já fermentam no lagar; a fruta está colhida; os cereais de praga descansam nos celeiros do produtor ou da E. P. A. C.

Só o problema dos milhos ainda se mantem: as variedades mais temporais no celeiro; as mais se-ródias, ou nos espigueiros ou no campo à espera de completar o seu ciclo vegetativo. Felizmente o tempo vai de feição e há esperança de se terminar a colheita sem ser de barco, como se verificou em determinados casos, no ano transacto.

Mas um problema se levanta: quando terá o grão a humidade dos 14% que a E. P. A. C. exige para o receber? Quando poderá o agricultor receber a paga de um ano de trabalho?

O agricultor progressivo, que semeia nas suas terras milhos de ciclo mais longo, por mais produtivos, olha para o vizinho rotineiro que, semeando milhos de ciclo muito curto, pouco produtivos, já pode debulhar e vender o grão e não sabe o que fazer no próximo ano: se semeia milhos de ciclo curto, não tem as produções que pretende; se semeia milhos de ciclo longo, arrisca-se à colheita de milhos com elevado grau de humidade, que só tarde e a más horas estarão capazes de ser entregues no celeiro. O agricultor preocupa-se, pois tem contas para pagar.

Ouvii dizer, a um amigo que trabalha no M. A. P., que a E. P. A. C. pensava montar secadores nas freguesias onde a cultura do milho é predominante. Ouvii esta notícia já lá vão uns meses e ficou esperançado, pois ainda acreditava que as empresas públicas são para servir o povo e não para serem servidas por ele. É, ainda, Homem de Boa-Fé, mas a pouco e pouco, vai perdendo a esperança de ver realizadas as promessas que, ao longo do tempo, lhe fizeram. Qualquer dia vende a terra que trabalha e emigra; os cidadãos que importem a comida, se houver dinheiro para isso.

ERA UMA VEZ...

— 13 —

Era uma vez um rebanho que começou pequenino, mas com a aquisição de novas ovelhas e a procriação das que o constituíam, foi crescendo, a tal ponto que o Pastor houve de dividi-lo em vários rebanhos particulares, pondo à frente de cada um o seu pastor privativo e a cada um juntou os cães-pastores necessários.

Nem sempre havia cães-pastores suficientes e, por isso, houve de recorrer a outras raças, até mesmo a cães-lobos.

Ora acontecia que os lobos, ao verem as ovelhas, queriam cevar-se nelas, nem sempre por fome, mas muitas vezes por instintos de destruição.

A actividade dos pastores e a vigilância dos cães de guarda pareciam obstáculo intransponível.

Tentaram subornar os cães-pastores, mas eles permaneceram fiéis no seu posto, de tal modo que os homens-pastores viram que podiam confiar neles e começaram a afrouxar um tanto a sua vigilância.

Também os cães-lobos, de começo, se mostraram zelosos na defesa das ovelhas confiadas à sua protecção. Aparentemente, eram até mais zelosos que os cães-pastores. Mostravam-se mais activos, ladravam mais, corriam com mais ímpeto contra qualquer lobo ou raposa que avistassem. E os homens-pastores confiavam.

Confiavam mesmo de mais. Porque não tardou que alguns cães-lobos, levados do sangue que lhes corria nas veias, comessem a olhar com simpatia para os lobos inimigos do rebanho. Vieram à fala com eles. Acabaram por fazer um contrato: deixar que algumas ovelhas se desgarrassem, como quem não dá pela coisa, os lobos as levariam e, depois, dar-lhes-iam parte da presa.

Mais tarde eram já eles que empurravam manhosamente as ovelhas para fora do redil. E os pastores não davam por isso. Apenas uma vez ou outra lá viam que faltava uma ovelha, buscavam-na mas, não a encontrando, tratavam de esquecer a falta e de que o Pastor-chefe não desconfiasse, para não se aborrecer.

Cães-lobos houve que, desertando do seu posto, para não serem notados, cederam o lugar a lobos não cães, mas habilidosamente, disfarçadamente, para que os pastores não acordassem do seu engano.

As ovelhas desgarravam-se cada vez mais. Dentro do redil ia um desassossego angustioso. Os pastores sentiam-se aflitos e juntaram-se a reflectir sobre o caso. Dialogaram com cães-pastores, cães-lobos, lobos que fingiam de cães e com as ovelhas.

Os cães-pastores, na parte do

SABIA QUE:

A DOENÇA, é um processo que traduz a falta de adaptação do organismo aos mais variados estímulos mórbidos.

Por outro lado e dum modo geral, SAÚDE, é não só a ausência deste processo, mas também, o estado de completo bem estar físico mental e social.

TAMBÉM SABIA QUE:

Por despacho ministerial de 20/7/78 todos os portugueses estão abrangidos por sistemas de ASSISTÊNCIA MÉDICO-SOCIAL?

ESTAÇÃO DE AVISOS DO ALGARVE Sector de Protecção da Produção Agrícola INFORMAÇÃO

Os parasitas de que vamos tratar nesta informação devem ser combatidos no momento presente, através de tratamentos preventivos de Outono, para que seja possível obter melhor eficácia no seu combate e maior economia na aplicação dos pesticidas. Os tratamentos preventivos devem fazer-se antes das manifestações externas dos parasitas, quando ainda permanecem numa fase encoberta e de fraca adaptabilidade ao meio ambiente e ao hospedeiro, provocada pela diversidade de inúmeros factores.

De uma maneira geral, o nosso agricultor só se apercebe da existência do parasita, numa fase muito adiantada do ataque, quando já se verificam enormes prejuízos nas culturas. Nesta altura, na maioria dos casos, é muito difícil conseguir-se o devido controlo do parasita, motivos que facilmente se imaginam.

Por tais razões, convirá combater o Pedrado da Nespereira e a Lepra do Pessegueiro iniciando os respectivos tratamentos antes da manifestação daquelas doenças, pelo que recomendamos a aplicação imediata dos pesticidas adequados.

1 — PEDRADO DA NESPEREIRA OU NÓDUA DA NESPERA

Os primeiros ataques desta doença verificam-se no Outono, pouco antes e durante a floração, o que corresponde aos meses de Outubro e Novembro, através de órgãos do parasita, que ficam instalados na planta.

Podem ainda surgir alguns ataques tardios deste parasita durante o desenvolvimento dos frutos, que dependem das condições do tempo.

Os tratamentos recomendados são os seguintes:

1.º — Tratamento antes da floração, quando do entumescimento dos gomos, o que corresponde aos meses de Outubro e Novembro;

2.º — Tratamento depois da queda da flor, que deve decorrer nos meses de Dezembro e Janeiro;

3.º e 4.º — Tratamentos durante as primeiras fases de desenvolvimento dos frutos.

2 — LEPRA DO PESSEGUIRO OU MORFEIA DO PESSEGUIRO

A doença transmite-se de um ano para o outro através de elementos, que permanecem presos à casca dos ramos, nas escamas dos gomos, e nos órgãos doentes.

Fica durante o Inverno sobre o Pessegueiro e o primeiro ataque manifesta-se nas jovens folhas, durante a Primavera, quando o tempo decorrer fresco e húmido.

É um parasita muito importante, não só pela sua extensão de desenvolvimento, como também por serem muito frequentes os ataques deste fungo. Provoca grandes deformações nos ramos e folhas, e como consequência, a queda antecipada destas.

Os tratamentos recomendados são os seguintes:

1.º — Tratamento é feito no Outono e durante a queda das folhas. Nesta altura deve-se fazer um tratamento antes do aparecimento da doença, utilizando calda bordalesa a 1,5-2%, com reacção alcalina;

2.º — Tratamento é feito quando os gomos engrossam (intumescimento dos gomos), o que corresponde ao início da Primavera, na entrada em actividade vegetativa da planta.

Recomendam-se os produtos de Captana, Tirame e Zirame;

3.º — Tratamento deve ser feito no início da rebentação, usando Captana, Tirame e Zirame.

NOTA — As pessoas que estejam interessadas em receber directamente estas informações devem dirigir-se à Estação de Avisos do Algarve — Rua do Município, n.º 13, r/c — Faro, telef. 22284.

Estes serviços estão ao dispor de todos os agricultores, que necessitem de quaisquer informações.

VENDE-SE CARRO

Peugeot 404, diesel, em bom estado.

Nesta redacção se informa.

Trespasa-se

Estabelecimento de fazendas de Francisco Portela no melhor local desta vila. Telef. 62755 — LOULÉ.

(6-5)

OS CONTENTORES

Que genial invenção
A invenção dos contentores!
No ar aumenta a poluição
E à nossa volta os fedores...

Estes contentores são,
Os enfeites de Quarteiral
Mas passaram todo o Verão
Com sede... a pedir manguelral

Chico Sêni

J. C.

Notícias do Ameixial

PEDIDO DE RENÚNCIA

Por motivos da sua vida profissional, acaba de pedir a renúncia do cargo de Presidente da Assembleia de Freguesia do Ameixial o sr. Manuel João Costa (do sítio de Corgas — Ameixial) que exercia essas funções desde as últimas eleições para as Autarquias locais.

«Ministérios não compreendem que é necessário investir para colher mais e melhor»

(continuação da pág. 1)

Regional de Turismo do Algarve fez uma extensa e bem delineada esplanada acerca dos principais problemas que afectam o turismo algarvio, fazendo uma conscienciosa análise das causas e consequências da falta de estruturas à altura dum desenvolvimento global duma província virada para o Turismo e cujo aproveitamento pode beneficiar todos os residentes, com vantagens evidentes para a economia do País.

Cabrita Neto não se esqueceu de rebater aquilo que alguns apontam como inconvenientes resultantes do nosso crescimento turístico, mas pôs o dedo na ferida e apontou soluções que anulam as desvantagens se souber pô-las em prática. De contrário, disse: «de um momento para outro, a galinha dos ovos de ouro pode morrer devido à nossa incapacidade em encontrar rapidamente respostas aos problemas que se levantam ao turismo no Algarve».

Na opinião de Cabrita Neto, os Ministérios acham muito mais agradável e cómodo recebermos divisas do que em se preocuparem com os milhares de problemas que afectam o Algarve e «não compreendem que é necessário investir para colher mais e melhor» acrescentando que, finalmente, está a ser notada uma extraordinária recuperação, após a gravíssima crise que o País atravessou depois do 25 de Abril, a qual fez afugentar os turistas. O Presidente da C. R. T. A. frizou que «os serviços públicos estão cada vez mais distanciados daquilo que a oferta turística necessita» e que é tempo de aproveitarmos a nossa oportunidade antes que seja demasiado tarde.

Depois de se referir à passividade de entidades responsáveis deste país que vêm passar as suas férias em bons hotéis mas que não vêem ou não querem ver os problemas do interior desta província, Cabrita Neto analisou as deficientes estruturas orgâni-

cas de que enferma a máquina estatal, considerando perfeitamente injustificada a existência da ENATUR, até porque o turismo já foi considerado como sector a privilegiar pela iniciativa privada, não sendo aceitável que algumas empresas ainda estejam nacionalizadas.

Respondendo a uma dúvida do jornalista, Cabrita Neto frisou que o Algarve tem, de facto, condições para um turismo de inverno, especialmente entre Março e Outubro, sendo necessário que se criem estruturas para justificar a vinda ao Algarve de turistas na época baixa, acentuando que, enquanto no sul da França a época turística é de 2 meses, o Algarve tem época de seis, sete e oito meses.

Referindo-se à grande falta de infra-estruturas, Cabrita Neto acentuou:

«Tivemos, este ano, algumas zonas do Algarve, cortes quase permanentes de luz, com os hotéis completamente cheios, e máquinas avariadas, porque não tem havido capacidade técnico-financeira para resolver o problema. Há falta de água, os esgotos vão para o mar, junto dos turistas, em algumas praias importantes. As vias de comunicação não estão à altura do tráfego que têm. Os transportes são péssimos, principalmente os transportes dados pela CP — até faz propaganda dum «Sotavento» que é uma vergonha para qualquer transporte público. O aeroporto tem condições, mas poderá ser melhorado: a empresa ANA que, neste momento, administra os aeroportos portugueses, tem feito uma boa recuperação do aeroporto de Faro, que ainda é provisório — como provisório está bastante bom. Investiu-se este ano bastante dinheiro para o melhorar Temos problemas de telefones. Temos milhares de problemas que urgem ser resolvidos».

...E terminou com o seguinte desabafo:

«Por razões várias, de que se-

ria ocioso falar, os hotéis são obrigados a manter um quadro de pessoal bastante elevado durante todo o ano e isso obriga-os a que estejam em situação de grave crise financeira nas épocas baixas, para garantir os salários dos trabalhadores, pagar aos fornecedores, em vez de investirem na promoção e na construção de infra-estruturas. Não há condições de financiamento aceitáveis para que os empresários tenham ânimo em investir. A maioria das empresas não pagam os juros, não amortizam as dívidas, não pagam à Caixa de Previdência. Há uma aféctica situação de falência técnica. Esta é uma realidade. Fizeram-se empréstimos que, na altura, tinham juros aceitáveis de seis e cinco por cento. A indústria é agora obrigada a pagar 18, 20 e 22%. As consequências estão à vista».

No próximo número faremos referência à entrevista que este nosso amigo acaba de conceder ao jornal «O Dia».

A economia que temos

(continuação da pág. 1)

de concentrado que terão dificuldade em classificar a 1.ª da 2.ª e arranjá-lo no ano seguinte um pouco mais de dois escudos para pagar ao produtor.

Já semeiam poucas forragens para economizar as foices e porque também não há muitos ferreiros que as façam.

Já fazem em geral menos culturas para economizar um pouco mais do que os 38% da última subida dos adubos.

Já deixam estragar as oliveiras para economizar trabalho aos armazenistas e à Junta Nacional do Azeite em controlar os preços e assim pode-se importar e vender óleos por azeite que fica mais cómodo e rende mais dinheiro.

Já deixaram estragar as figueiras para economizar os dentes, visto que uma dentadura já custa os olhos da cara.

Já engordam menos bois para economizar trabalho aos contabilistas que têm que fazer as contas, para verificarem quanto tem ficado para o talhante, para o matadouro, para o homem do carimbo, para o organismo coordenador e no final fazer sobrar alguma coisa para o criador.

Já criam menos vacas de leite para economizar complicações, visto este não poder misturar-se com o vinho e ter que ser vendido à parte por um terço do valor daquele.

Já há menos carne de porco para economizar farinhas que não temos e ainda porque a referida carne de porco faz parte do cabaz das compras iludindo uns com o trabalho dos outros.

Já reduziram a compra às máquinas agrícolas, para poupar divisas ao País e também porque somos um País evoluído, não precisamos adiantar muito dos outros países.

Já se vão acabando as máquinas de ALUGUER porque os seus donos, alugadores querem economizar o imposto às Finanças e receber o subsídio de compra a

APARTAMENTO

Vende próprio, junto praia Olhos d'Água, 3 quartos, alcatifado, 1 450 000\$00.

Facilidades de pagamento. Resposta a este jornal ao n.º 29.

«Diário Popular» dá eco ao folhetim de «As Mouras Encantadas e os Encantamentos do Algarve»

do Dr. Ataíde Oliveira

É-nos grato assinalar que a iniciativa tomada por este jornal de divulgar dentro em breve, através de folhetim e reeditar em livro a obra «As Mouras Encantadas e os Encantamentos do Algarve», está a despertar enorme interesse do público leitor. Mas não só este revela o seu interesse como, também, acabámos agora de constatar, a própria Imprensa lisboeta.

O «Diário Popular», vespertino da capital que milita na grande imprensa, contemplou na sua edição de 21 de Setembro último o empreendimento que está em ultimção, nestes termos:

«REEDIÇÃO DE «AS MOURAS ENCANTADAS E OS ENCANTAMENTOS DO ALGARVE» DO DR. ATAÍDE DE OLIVEIRA

O jornal «A Voz de Loulé» anunciou a reedição, nas suas colunas e em folhetins, de «As Mouras Encantadas e os Encantamentos do Algarve», da autoria do falecido escritor algarvio dr. Francisco Xavier de Ataíde de Oliveira.

Trata-se de uma iniciativa que despertou grande interesse, não só entre os algarvios, mas também em quantos se preocupam com a valorização do património cultural, etnográfico e literário do País, tanto mais que a obra deixada pelo dr. Ataíde de Oliveira é já hoje rara. Impõe-se, por isso, salvá-la e, sobretudo, divulgá-la para conhecimento das camadas mais jovens. Estmos mesmo convencidos de que a ideia dos nossos colegas de «A Voz de Loulé» vai obter pleno êxito; tanto mais que, segundo nos informaram, a obra será também publicada em livro, antecedida duma fotografia e da biografia daquele escritor».

CLAREANES — LOULÉ



ANTÓNIA CONSTANTINA DA SILVA

AGRADECIMENTO

Sua família, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, por ilegitimidade de assinaturas e desconhecimento de moradas, vem por este meio testemunhar o seu profundo reconhecimento a todas as pessoas que de qualquer modo compartilharam na sua dor e bem assim àquelas que a acompanharam à sua última morada.

A todos o testemunho da sua mais profunda gratidão.

Agência Cavaco

O resto fica ao critério do leitor. Boliqueima, 24 de Outubro de 1978.

Primo Sousa Pereira

TERRENOS ALGARVE

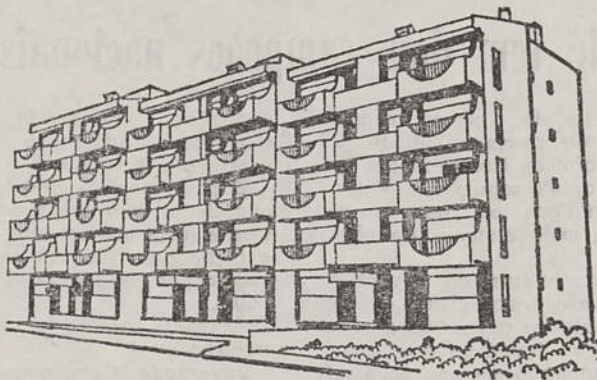
QUINTAS, FAZENDAS, COURELAS (C/ OU S/ CASA).

PARA TODAS AS DIMENSÕES, PREÇOS E LOCALIZAÇÕES.

COMPRA E VENDE: JOSÉ VIEGAS BOTA — R. SERPA PINTO, 9 — TELEF. 62634 — LOULÉ.

(6-3)

na praia de QUARTEIRA



APARTAMENTOS TORRE D'ÁGUA

JUNTO AO NOVO DEPÓSITO DE ÁGUA APARTAMENTOS PRONTOS A HABITAR APROVEITE AGORA A ISENÇÃO DA SISA

VISITE NO LOCAL O APARTAMENTO MODELO
Dias úteis: das 11 às 13 e das 15 às 19 horas
Sábados e Domingos: das 10 às 13 e das 15 às 19 horas

Sociedade de Construções do Corgo, Lda.

TRATA: EMACO

R. Viriato, 25-5.º — Telef. 53 90 16/7 — LISBOA
Telef. do local de vendas: 00 89/6 56 43

É urgente um controlo do crime

Não é exagero dizer-se que o crime se tornou um hábito do quotidiano. Parcialmente, o aumento da criminalidade é o produto das condições de vida social adversas, do aumento da população, da inflação e do desemprego. Contudo uma planificação de vida democrática que todos prometeram respeitar, deveria travar a explosão de criminalidade, que aumentou substancialmente desde que uma certa liberdade mal interpretada proporcionou a livre circulação à vagabundagem, aos criminosos, aos contrabandistas. Que a semente democrática encontrasse torrão de todo favorável ao seu desenvolvimento generalizado, instituindo a liberdade em segurança extensiva a todos os cidadãos, deveriam ser condições exigidas aos que nos governam com o nosso voto livremente expresso. O crime não é um fenómeno que não se possa controlar. Sem demora ele cresce e se alastra, mas fossem os nossos governantes de instinto vivo, de ideias e disposições afectivas, de estímulo de acção, e o crime seria eficazmente controlado, de modo a garantir a disciplina e a segurança de todos os cidadãos.

O que acontece, porém, é a falta de autoridade conforme o crescimento da desordem e da anarquia. Tornou-se vulgar a ofensa mútua, o puxar de uma navalha ou o tiroteio. Aumentou a embriaguez, o uso de drogas, o vício e o jogo. Vivemos em condições económicas desfavoráveis. Seguindo este caminho, sem reprimir os que põem em causa a liberdade do seu semelhante, propaga-se o medo entre a gente disciplinada, desencadeiam-se os roubos e os assaltos daqueles que se sentem cada vez mais à vontade para actuar.

Ora o tempo em que se vive não se edifica com a aventura das armas, mas também não se cultiva com o fortalecimento da ladroagem. O assalto aos bancos e

às joalharias tornou-se um roubo comum nos nossos dias. Agora no grupo de assaltantes a figura feminina tornou-se vulgar, talvez pela sua grandeza de ânimo aos que já se afoitam em desviar aviões com pistolas de plástico. A briga nos bailes, nas boites ou nos cafés, espalha-se consideravelmente, a autoridade chega quase sempre atrasada, talvez fosse bom usar o omega da justiça, e enquanto a vítima dá entrada no hospital, o agressor passeia sem mágoas no coração, pelas ruas onde pode fumar o «charrinho» ou o «boi» que o traficante já lhe passou pela lata de conserva ou pela algebeira secreta. Impõe-se uma larga e profunda intervenção do Estado democrático aplicando a lei penal necessária, que ponha cobro de uma vez aos crimes violentos que condicionam o nosso movimento como cidadãos livres e responsáveis.

A estampa social romanceada de fraseologias e poucas obras é simbolicamente desconcertada pois permite que o ladrão que rouba hoje volte a roubar amanhã. Não é por acaso que na minha região se tornou fácil roubar um veículo motorizado ou assaltar uma farmácia, nem tão pouco é de estranhar que com o aumento do custo de vida, pessoas que nunca quiseram trabalhar comam os tomates ou as cenouras dos outros. E a verdade é que eles têm o curso da roubalheira, usam as armas necessárias, têm os informadores indispensáveis. Alguns até confiam na mesquinha, no perdão e nas consolações, sabem perfeitamente como se planeia um assalto, como se talha um roubo, como se executa um crime. Convém pois que as polícias recrutem pessoal humano, tecnicamente qualificado e sobretudo, que mantenha boas relações e a dignidade indispensável com os cidadãos. Que estes respeitem a autoridade, renovem a sua mentalidade, contribuam para uma sociedade estável não será difícil.

fácil, assim controlar o crime, impedir determinados roubos, combater o alcoolismo e a expansão da droga. A imaginação e a criatividade do espírito humano são suficientes para humanizar a política criminal sem prejuízo para os cidadãos que querem viver em paz, em liberdade e em segurança social.

Começamos a ter fortes problemas de corrupção que necessitam de eficiência, de controlo, de acção. Esta crónica é bastante sincera por isso apela ao sr. Presidente da República para à onda de criminalidade que aumenta diariamente e que urge solucionar o mais breve possível.

Liberdade em segurança, sim, para todos os que querem viver num regime democrático, de ideias livres e pluralismo ideológico.

LUIS PEREIRA

Esta minha terra...

Por J. PIEDADE JÚNIOR

Naturalmente que possui deficiências, mazelas, imperfeições... Como qualquer outra, pois.

Não as tem a própria capital do País?

Mas a par destas deficiências, destas mazelas e imperfeições, temos de reconhecer o que ela possui de bom, o que ela possui de belo, o que poucos vêm e poucos apreciam, ao que parece.

Quem em Loulé — digam-me; sim, quem há em Loulé, que não conheça o sítio da Cruz da Asumada, uma lomba situada na estrada que vai para Salir e onde ainda conheci algumas pedreiras de fino lioz, calcário então utilizado nas cantarias com que eram guarnecidas as portas e as janelas da casa algarvia, e que lá se vêem ainda...

Sim, quem há que não tenha mesmo feito aquilo que eu fiz, um dia, e que foi galgar a estrada até

lá acima, em corrida, a impelir um velho, um pechoso arco de pipa?...

Mas em que estado eu lá cheguei: esgotado, sem forças, um farrapo, pois! E para ali me estirei a recuperar energias, mas com os olhos, esses fixos no que se me deparou então e que era um quadro de espantosa, de rara beleza!

Quadro que ninguém, penso, terá destruído ainda e que o Município com muito pouco poderá valorizar, pois que para tanto bastará construir ali um simples mirante ou miradoiro.

Mas vão até lá. Vão até lá com a intenção de observar, de mirar, de ver aquilo como realmente deve ser visto, e digam-me depois se consideram disparatado esta minha sugestão.

Vão... que não ficarão arrependidos, garanto-lhes...

LOULÉ oferece agora espectáculo pouco dignificante duma terra com pretensões a civilizada

É o bom nome de Loulé que está em causa.

Infelizmente não é apenas por isto que o bom nome de Loulé está em causa. Há outras mazelas. Das mais notórias destacamos a falta de limpeza que se nota por toda a Vila.

Nunca conhecemos Loulé tão porca!

Sucata de automóveis por quase toda a parte. Lixo, lixo e mais lixo a atestar o desleixo de quem não se preocupa em zelar pela saúde pública e pelo bom nome de uma terra que desejariamos fosse apontada como exemplo de asseio.

É bem verdade que o cidadão comum não colabora e nem repara que é mais fácil não sujar do que limpar, mas também é verdade que o serviço de limpeza em Loulé fica muito aquém do desejável.

E o desleixo não se vê apenas na abundância do lixo. Percebe-se também no desmazelo e abandono a que há alguns anos estão votados os canteiros (?) da Avenida Costa Mealha. Terra inculta, lagens, passeios e canteiros destruídos, chapas de sinalização partidas, amolgadas e invertidas,

passeios não tratados, pisos irregulares, saíngas votadas ao mais olímpico desprezo, são sinais bem evidentes que ressaltam ao olhar do observador menos atento... mas que fere também a sensibilidade de quem seja louletano.

Quatro anos depois duma famosa revolução que lá pondo este país de pernas para o ar e que ofereceu as mais amplas liberdades aos cidadãos deste país, parece-nos que já era tempo de acabar com as liberdades prejudiciais e se pensar em fazer algo de útil, começando por se arrumar a casa.

É parece-nos também que os habitantes de Loulé têm o pleno direito a dormir sem o ladrar incómodo dos cães que, cada vez mais, proliferam por toda a parte.

É urgente encontrar também uma solução para este problema.

Em contraste com tanto desleixo e imundície desta nossa vila, temos ao menos a satisfação de poder dizer que um cemitério que prima pelo asseio e onde se percebe a existência de alguém que capricha em manter a limpeza e um bom ordenamento dum lugar que deve merecer o respeito de quantos ali vão visitar os familiares que ali jazem sepultados.

CANTINHO DOS JOVENS

UMA TERRA QUE FOI NOSSA

Nascemos ali, bem perto do rio onde a água corria todos os dias, de Verão e de Inverno, sempre barulhando nas pedras que se desmoronavam e seguiam chocando umas nas outras, barrando o fundo do rio, onde limos e seixos se amontoavam, originando palácios aquáticos, de salas e quartos mobilados ao gosto dos peixes que eram de dimensões pequenas, mas que nem por isso deixavam de ter um saborzinho bem

apetitoso. Cozinhados à maneira da terra, porque assim eram bem melhores.

Naquela terra a maneira de cozinhar era diferente. Tudo era diferente e de uma originalidade curiosa, com sabor a sal! Ficávamos próximos do mar (talvez daí a origem) onde o rio desembocava, alongando-se eternamente, num espreguiçar lento e cauteloso. A gente vivia do mar e morria no mar. Ali chorava-se e sorria-se, corriam lágrimas e saudade, mas também havia alegria e amor. Era uma terra sem igual.

Hoje já ninguém a lembra, embora todos a tenham conhecido. Ela é esquecida, porque as pessoas nunca se memorizam a si próprias. E ela era as próprias pessoas, (ou então não seria mais que simples substantivo abstracto) contudo foi nossa, e ainda o é. Ela não morreu e embora abstracta é bem a nossa terra. A terra do dia-a-dia, de ontem a sempre.

Jacinta Cardoso

José Gomes Morgado

Por escolha do Conselho de Gestão do Banco Fonsecas & Burnay, acaba de ser investido no cargo de gerente de Zona o nosso prezado amigo e dedicado assinante sr. José Gomes Romeira Morgado, que desta forma fica a supervisionar as Agências de Faro, Olhão e Quarteira e ainda os Postos de Câmbios do mesmo Banco no Aeroporto de Faro e Vilamoura.

Como é evidente que esta nomeação é consequência das qualidades e competência profissional daquele nosso amigo, não podemos deixar de felicitar o Banco pelo acerto da escolha e também o sr. José Gomes Morgado por ter merecido esta distinção, que aliás consideramos como merecido prémio da dedicação a uma profissão que tem exercido com brio, capacidade e inteligência.

Os nossos parabéns e os melhores votos de que continue sinuando na sua carreira.

Aeromodelismo

Foi criado na Casa de Cultura adstrita a esta Delegação um núcleo de aeromodelismo, orientado por um instrutor devidamente qualificado.

Os jovens interessados poderão inscrever-se nesta Delegação (R. dos Bombeiros Portugueses, n.º 4-1.º-Esq. — Faro) local onde poderão ser prestados todos os esclarecimentos.

A participação dos jovens é gratuita.

CICLISMO

Loulé tem dois campeões nacionais

Na pista de Alpiarça disputaram-se, no passado sábado, 28 de Outubro, os Campeonatos Nacionais de Perseguição e Velocidade em Pista, em todas as categorias, pelo sistema de eliminatórias.

Os dois atletas do Juventude Campinense, valores que se têm vindo a afirmar nesta época como autênticos homens do pedal, souberam impôr-se aos seus adversários e sagrar-se campeões nacionais de perseguição nas categorias de Aspirantes e Júniores.

Julgamos, portanto, oportuno prestar-lhes a devida homenagem pelo mérito conseguido, não só para estes atletas, mas também para o Juventude Campinense, clube de fracos recursos, mas que está fortemente empenhado na valorização do desporto na nossa vila.

Passo a passo está a avançar na organização das suas estruturas, pelo que conta com o apoio da massa associativa, entidades oficiais e de todos quantos gostem do desporto. O Campinense promete levar a prática desportiva a todos os jovens, e não só, da nossa vila, do nosso e outros

concelhos, valorizando a cada dia esses atletas e trazendo prestígio e bom nome a Loulé.

É pois, com o devido mérito que daqui lhes prestamos a devida e justa homenagem a atletas e clube pois são um exemplo a seguir por toda a população de Loulé.

Atletas, aperfeiçoai o vosso trabalho.

Juventude Campinense continuai a levar a prática desportiva a todos sem excepção e depois escolher dentre os melhores aqueles que deverão representar o nosso Clube e a nossa vila.

Eis os nomes dos jovens que honram o desporto louletano:

Idalécio Jorge — J. S. Campinense: — Campeão Nacional de Perseguição em pista na categoria de aspirantes.

Luís Vargues — J. S. Campinense: — Campeão Nacional de Perseguição em Pista na categoria de Júniores.

Equipas participantes: Em Aspirantes: Campinense, D.mope, Gulpihares, Sossilvas, e Orfeão da Feira.

Em Júniores: Campinense, Pontével, Rio Tinto, Alfema, Pinheiro de Loures e Labrugeira.